

O MURO E ÁRVORE: IDENTIFICANDO PARTICIPATIVAMENTE AS RELAÇÕES DE GÊNERO PELO OLHAR DA JUVENTUDE CAMPONESA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DO SERTÃO – MONTE SANTO/BA

Karolina Batista de Souza (1); Cheirla dos Santos Souza (2); Ana Cristina Nascimento Givigi (3);
Davi Silva da Costa (4)

(1) *Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação do Campo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Campus Amargosa. Especializanda da Pós-Graduação em Inovação Social com ênfase em Economia Solidária e Agroecologia. Instituto Federal Baiano – Campus Serrinha.*

Karolinasouza@ymail.com

(2) *Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação do Campo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Campus Amargosa.*

Cheirlinha@gmail.com

(3) *Docente do Programa de Pós Graduação em Educação do Campo. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Campus Amargosa.*

kikigivigi883@hotmail.com

(4) *Docente da Pós-Graduação em Inovação Social com ênfase em Economia Solidária e Agroecologia. Instituto Federal Baiano – Campus Serrinha.*

abuh.davi@gmail.com

Resumo

O resumo aqui apresentado relata a fase inicial da pesquisa-ação desenvolvida na Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), tratando das relações de gênero percebidas pela juventude camponesa em formação neste espaço. Esta escola do campo está localizada no município de Monte Santo/BA, no Território do Sisal. O diagnóstico aqui relatado ocorreu em maio de 2017 com a participação de 8 jovens homens e 11 jovens mulheres do 1º ano do ensino médio e técnico integrado em Agropecuária. A técnica de coleta de dados foi o grupo focal, e mais dois instrumentos de facilitação: o muro das lamentações e árvore dos sonhos, como maneira de provocar a reflexão e o debate, além de trazer os temas de interesse dessa juventude a serem discutidos e trabalhados ao longo da pesquisa. Ao identificar os problemas observados pelas/os educandas/os estas/es apontaram em suas falas as desigualdades e opressões nos diferentes espaços da vida pública e privada, como os diversos tipos de violências, questões relacionadas a preconceito de raça e classe, e controle do corpo e liberdade da mulher. Os temas de interesse para formação identificados foram feminismo, empoderamento e protagonismo feminino; violência e direitos femininos; machismo, patriarcado, e outras formas de opressão; políticas públicas voltadas para a mulher; relações de gênero nos espaços educativos, e orientação sexual, saúde e questões reprodutivas. Avaliou-se dentro do grupo a importância de discutir esses temas para buscar ressignificar as relações de gênero construídas socialmente, principalmente no espaço educativo, propondo reflexões e ações que extrapolem o espaço de formação e pesquisa, e incorporem toda a comunidade escolar. Esse momento foi então de extrema importância para firmar-se o compromisso e vínculo do grupo para se desenvolver de forma coletiva a pesquisa e intervenção proposta.

Palavras-chave: Juventude, Gênero, Educação do campo.

Introdução

Ao pensar sobre cultura camponesa José Maria Tardin (2012) elenca as diversas características sobre a construção dos modos de produção e reprodução da vida dos/as camponeses/as, e segundo este, um traço geral dessas culturas advém do patriarcalismo constitutivo do paradigma historicamente hegemônico nas diferentes sociedades. Para o autor, observa-se a supremacia do homem na hierarquia familiar e nas representações no espaço público, e a divisão do trabalho que segue tradicionalmente uma base sexual que em geral sobrecarrega a mulher, ao passo que esta emprega sua força de trabalho no espaço produtivo e reprodutivo. Nesse contexto opressor e repressor a relevância dos seus afazeres e a dignidade do seu ser não é reconhecida, além das muitas manifestações de violência e de sociabilidade restringida, levando a um sentimento de obediência e de inferioridades física e subjetiva e à sua menor participação tanto na gerência do trabalho e dos negócios quanto na repartição dos benefícios dos resultados econômicos do trabalho da família.

No Território de identidade do Sisal (BA) estão presentes comunidades tradicionais camponesas, de assentamentos e acampamentos de reforma agrária, comunidades quilombolas, e comunidades fundos de pasto. No município de Monte Santo (BA) esta última é mais presente, apresentando um embate constante com o Estado, e com latifundiários, por se tratar de ocupações terras devolutas em sua maioria, e utilizadas pelos/as camponeses/as para poder suprir sua base de reprodução, tendo a terra e seus recursos naturais como meio de produção, representando um modo de vida no sertão (ANDRADE et. al, 2015).

Segundo Gilmar dos Santos Andrade (2012) a Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE) existe no contexto citado acima, numa região marcada por altos índices de desigualdades sociais, inclusive no campo educacional, se observando um ensino excludente e descontextualizado, longe das reais necessidades das comunidades camponesas, motivando-as a criar uma escola que se constituísse num instrumento da classe trabalhadora.

Diana Anunciação Santos (2011) acrescenta ao trazer que educação do campo é de fundamental importância para os/as filhos/as desses/as camponeses/as e segundo ela é necessário reconhecer todo o processo de educação familiar e social estabelecidos, respectivamente, na unidade doméstica de produção individual e nos espaços coletivos, percebendo-os objetivamente da maneira como são e funcionam, trazendo à tona as dinâmicas e os conflitos que lhe sejam inerentes.

Quando retomamos o raciocínio do primeiro parágrafo, compreendemos que gênero (SCOTT, 1995) é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas

entre os sexos, como também é uma forma de significar as relações de poder, abrangendo mulheres e homens em sociedades e concepções diversas, contando com marcadores distintos como raça, idade, classe, religião entre outros. Guacira Lopes Louro (2014) enfatiza que esse conceito tem um forte apelo relacional, já que é no campo do social que se constroem os gêneros com, ou sobre os corpos sexuados. Logo, os estudos de gênero, referem-se cada vez mais não somente as mulheres, mas também aos homens, considerando as distintas sociedades e os distintos momentos históricos, de modo plural, acentuando que as representações sobre mulheres e homens são diversas.

Leidjane Fernandes Baleeiro (2016), que estudou as relações de gênero vivenciadas por jovens do campo de Urandi (BA), discute que estas relações são construídas em diversos contextos e espaços sociais, a exemplo da família e da escola, através de um processo educativo explícito e implícito, predominando tratamentos diferenciados para mulheres e homens. Assim, para a autora, no decorrer da vida diferentes pedagogias educam culturalmente homens e mulheres, estabelecendo padrões de “ser homem” e “ser mulher”. Mais uma vez aqui Guacira Lopes Louro (2014) contribui, ao dizer que as diferentes instituições e práticas são constituídas e constituintes dos gêneros, “fabricando” os sujeitos por serem estas “generificadas”.

A EFASE, que realiza a formação educativa dos sujeitos e sujeitas da presente pesquisa, como dito anteriormente, se concebe enquanto educação do campo, e segundo Roseli Salette Caldart (2012), esta é um fenômeno da atualidade brasileira, protagonizada pelos trabalhadores do campo e suas organizações, incidindo sobre a política de educação desde os interesses das comunidades camponesas, remetendo a questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais ao embate de projetos de campo e lógicas de agricultura que implicam no projeto de país, sociedade, nas concepções de políticas públicas, de educação e formação humana.

A autora acima mencionada nos diz que a educação do campo, como prática social ainda em processo de constituição histórica, tem diversas lutas, principalmente fundamentadas nos embates de classe, mas considerando seus sujeitos e suas relações, uma política de Educação do Campo nunca será somente de educação em si mesma nem de educação escolar, embora se organize em torno dela. Porque as questões que coloca à sociedade a propósito das necessidades de seus sujeitos não se resolvem fora do terreno das contradições sociais mais amplas que as produzem. E isso se refere tanto ao debate da educação quanto ao contraponto de lógicas de produção da vida, de modo de vida (CALDART, 2012).

No plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo projeta futuro quando recupera o vínculo essencial entre formação humana e produção material da existência, quando concebe a

intencionalidade educativa na direção de novos padrões de relações sociais, pelos vínculos com novas formas de produção, com o trabalho associado livre, com outros valores e compromissos políticos, com lutas sociais que enfrentam as contradições envolvidas nesses processos (CALDART, 2004). Então, construir novas formas de relação, incluindo as de gênero, é imprescindível para essa concepção pedagógica.

No caso da EFASE esse caráter se reforça ainda por esta pautar sua luta na agroecologia, e nesse contexto Emma Siliprandi (2007) contribui ao dizer que nessa concepção busca-se criar relações sociais mais igualitárias, contrapondo-se à naturalização da situação de opressão das mulheres na sociedade, se aproximando das políticas que promovem a igualdade de gênero, e tornando visível o trabalho desenvolvido pelas mulheres, que é fundamental para a sustentabilidade e para a reprodução familiar.

Assim, para a luta das transformações sociais, questionar a “ordem natural das coisas” é fundamental e por isso este trabalho nasce da problematização da construção desigual nas relações entre homens e mulheres observada na realidade camponesa do Território do Sisal, que perpassa e se reflete também o universo educativo dos/as educandos/as da EFASE. Para tal, intenciona-se aqui desvelar e compreender como ocorrem as relações de gênero dentro dos espaços de formação (escola e comunidade) da juventude, e à partir dessa investigação e reflexão, possibilitar que os/as sujeitos/as criem mecanismos de transformação de suas realidades.

Cabe aqui então criar perguntas. Como a juventude de hoje percebe as relações de gênero? Como essas e esses jovens estão lidando com as desigualdades de gênero percebidas? Quais os caminhos de enfrentamento estes percorrerão? A exemplo destas muitas outras poderão ser criadas. Se, como afirmamos anteriormente, a escola junto com outras práticas sociais também “produz” as construções de gênero, temos, como salienta Guacira Lopes Louro (2014) que voltar nosso olhar para as práticas cotidianas que envolvem os sujeitos. Por esses motivos estudar tais realidades e construir coletivamente estratégias de transformação são imprescindíveis

Metodologia

O presente trabalho é pesquisa-ação, podendo esta ser compreendida como a intervenção coletiva inspirada nas técnicas de tomada de decisão que associa sujeitos/as e pesquisadores/as em procedimentos conjuntos de ação com vista de melhorar uma situação precisa, avaliada com base

em conhecimentos sistemáticos da situação inicial e apreciada com base em uma formulação compartilhada de objetivos de mudança (DIONNE, 2007)

Para Michel Thiollent (1984), na pesquisa-ação há uma capacidade de aprendizagem associada ao processo investigativo que deve ser aproveitada e enriquecida, e portanto, pretende-se através dessa investigação trabalhar com parte da juventude da EFASE a formação em gênero e feminismo, como parte de uma educação crítica e contextualizada pautadas nos princípios e concepções da Educação do campo e Agroecologia.

Assim, esse trabalho está se desenvolvendo buscando essas orientações, e aqui se relata a fase inicial da pesquisa, identificada como diagnóstico, que Dionne (2007) considera importante não somente para a compreensão da situação, bem como para assegurar a colaboração dos diversos.

Devido a metodologia pedagógica da EFASE ser por alternância, a escolha dos/as sujeitos/as foi realizada consultando previamente os/as educadores/as para conhecer os espaços e tempos disponíveis, considerando as turmas presentes nas diferentes sessões. Estes/as apontaram as turmas de 1º ano do ensino médio. Após convite e esclarecimento da natureza e objetivos da pesquisa se predispuseram a participar do diagnóstico 8 jovens homens e 11 jovens mulheres.

A realização do diagnóstico ocorreu no dia 30 de maio de 2017, e o instrumento utilizado no diagnóstico foi grupo focal, já que a interação grupal promove a ampla problematização acerca do tema. (BACKES et. al, 2011). O momento foi gravado com a prévia autorização de todos/as participantes.

Para facilitar a discussão utilizou-se recursos audiovisuais e duas ferramentas participativas, o muro das lamentações e árvore dos sonhos. O muro das lamentações é onde os jovens expressaram tudo aquilo que perceberam estar em desacordo com o que acreditavam ser o ideal, onde apontaram todos os problemas percebidos. A árvore, objetivou na dinâmica grupal propiciar um espaço para a proposição de temas a serem discutidos que norteiem caminhos para superar as contradições percebidas. A reflexão e o debate são, portanto, elementos centrais para a descoberta dos temas geradores (MELLO, 2012).

Resultados e Discussão

No momento de realização do grupo focal foi realizada uma apresentação da intencionalidade da pesquisa-ação, e os/as jovens também se apresentaram, dizendo suas comunidades de origem e o motivo de se interessarem a participar da pesquisa. As falas foram

variadas, mas os motivos mais mencionados foram a curiosidade pela temática, a importância desta e a necessidade de dialogar mais sobre o assunto na escola, local que segundo os/as estudantes, existe desigualdades na relação entre homens e mulheres.

Leidjane Fernandes Baleeiro (2016) discute que a forma diferenciada de educar produz reflexos na vida adulta, mantendo as mulheres na invisibilidade, tanto no trabalho doméstico, como no trabalho agrícola, influenciando na decisão das jovens mulheres de sair ou ficar no campo. A autora cita o estudo realizado pela CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura) em 2012, que constatou que são as jovens mulheres que mais saem do campo. E para esta a potência da articulação entre juventude, trabalho e gênero evidencia-se quando estas jovens mulheres do campo são penalizadas por um processo de dupla discriminação, caracterizadas pela desvalorização do trabalho feminino e pelo fenômeno da invisibilidade juvenil.

Para introduzir a temática utilizaram-se dois vídeos-clipe produzidos por coletivos de juventudes retratando a importância da luta feminista, e que - apesar de eminentemente urbanos - representam realidades em comum dos/as jovens camponeses/as, além de trazerem outros elementos, como cultura, raça, identidade, afetividade, dentre outros. Após esse momento estimulou-se a reflexão destes sobre os aspectos conquistados pelo feminismo ao longo do tempo, e pediu-se que estes se dividissem em grupo e discutissem o que ainda não avançou no olhar destes. Essas reflexões deveriam ir para o muro das lamentações, para que estes pudessem perceber o problema antes de propor soluções.

O muro é uma das etapas da Oficina do Futuro, uma técnica participativa concebida pelo Instituto Ecoar para a Cidadania com o intuito de levantar os problemas e potencialidades de uma comunidade, para sensibilizar e envolver a população em processos de resolução de problemas e tomada de decisões. Remete ao monumento visitado por peregrinos que vão colocar entre os vãos das pedras seus bilhetes com seus sonhos e sofrimentos, na cidade velha de Jerusalém (INSTITUTO ECOAR, 2017).

No momento da construção do muro, ao colocar o “tijolo-problema” estes/as explicaram o porquê trouxeram essas questões. Os elementos apontados foram diversos, desde desigualdades e opressões nos diferentes espaços da vida pública e privada, como a falta de autonomia e direitos femininos, diversos tipos de violências, questões relacionadas a preconceito de raça e classe, e controle do corpo e liberdade da mulher. Um dos grupos levou ao muro um pequeno texto que evidencia que a desigualdade entre os gêneros limita algumas funções às mulheres. O texto trazia:

*“Por que a mulher não pode jogar futebol?
Por que a mulher não pode ter a mesma função que o homem?
Por que consideradas tão frágeis? Afinal, a mulher pode fazer tudo que um
homem, elas tem braços, pernas e tudo que eles tem.
Mulheres também são boas em futebol.
Também podem ser pedreiras, arquitetas e técnicas.
Por que a desigualdade?
Queremos direitos iguais. Afinal, somos iguais.”*

Esse texto, entre outras coisas, vem demonstrar que essas/es jovens não concebem que as desigualdades são devido às características biológicas, o que Guacira Lopes Louro (2014) diz ter o caráter de argumento final, irrecorrível, que justifica (grifo da autora) a desigualdade social.

FIGURA 1- Muro das lamentações e árvore dos sonhos construídos participativamente.



Fonte: Da autora, 2017.

De forma geral, na hora de apresentar o que havia sido discutido, as jovens falaram mais que os jovens, mas houve bastante diálogo e interação por parte dos rapazes no momento de formação dos grupos.

Guacira Lopes Louro (2004) problematiza a concepção que atravessa grande parte dos estudos feministas, a de que o embate de gênero se trata de uma fórmula única: a de uma mulher dominada versus um homem dominante. Ela e outros/as estudiosos/as acreditam que essa concepção não dá conta da complexidade social (incluindo movimento gay e movimento de mulheres lésbicas), e tomam como referência os estudos de Foucault, que concebe o poder se exerce

em muitas e variadas direções, sendo que nessas relações de poder existe um enfretamento constante e perpétuo.

Assim, se pensarmos nesse sentido, podemos desconstruir a lógica dicotômica, que até mesmo define a noção de homem como masculinidade dominante, como sendo o padrão, referência ou discurso legitimado (LOURO, 2014). Podemos compreender então diferentes formas de feminilidades e masculinidades. No caso dos jovens homens participantes do diagnóstico fica evidente que estes têm interesse em desconstruir essa lógica, ao se proporem discutir esses temas, e acreditarem na importância de transformar essas relações opressoras.

Quando finalizamos o muro demos continuidade ao diagnóstico utilizando outra técnica da Oficina do futuro, a Árvore dos sonhos. Originada na segunda Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92, Rio- 92), pessoas do mundo todo utilizaram essa técnica para escreverem seus sonhos de futuro em papéis em forma de folhas. De acordo com o manual de metodologias participativas, a árvore do sonho tem como objetivos fazer com que as pessoas envolvidas possam sonhar com um espaço melhor para viver, resgatar idéias comuns para melhor qualidade de vida, organizando o pensamento do coletivo, visando um planejamento futuro (INSTITUTO ECOAR, 2017).

Assim, pediu-se que cada um/uma inscrevesse em uma “folha” da árvore um sonho, o que estes consideravam a situação ideal. E em outra folha um tema relacionado a gênero que gostariam de discutir no próximo grupo focal. Assim estes apontaram os temas geradores a serem trabalhados ao longo da pesquisa.

Intencionou-se com isso construir a intervenção de forma que as/os jovens estejam diretamente envolvidas/os nos processos decisórios, tendo autonomia em todo processo desde a indicação dos temas geradores da formação até o planejamento e execução das ações no grupo e que envolvam os demais da comunidade escolar.

Pediu-se que estas/es falassem sobre seu sonho e proposição de tema no momento de construção da árvore, e manifestaram-se ideologias de uma sociedade que incorporasse valores como respeito, igualdade, liberdade, dentre outros. Já sobre os temas de interesse ou geradores, surgiram: violência e direitos; feminismo, empoderamento e protagonismo feminino; machismo, patriarcado, e suas formas de opressão; políticas públicas voltadas para a mulher; relações de gênero nos espaços educativos, e orientação sexual, saúde e questões reprodutivas. Uma educanda sugeriu nesse momento que o grupo construísse um seminário com o tema “Igualdade de gênero, sexualidade e feminismo na EFASE”, de acordo com ela “com todas as séries e principalmente os

monitores”. Essa sugestão foi muito bem recebida pelos/as demais, evidenciando o interesse destes/as, e a importância do diálogo e desvelamento das relações nesse espaço educativo.

Analisar e dialogar então como estão ocorrendo as relações dentro da escola é muito importante para esses e essas jovens. Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, processo de avaliação, são, segundo Guacira Lopes Louro (2014), *loci* (grifo da autora) das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe, e por isso é importante problematizar não apenas o que se ensina, mas qual sentido os/as estudantes dão ao que aprendem. Procurando perceber na linguagem, o racismo, sexismo e etnocentrismo que essa carrega e institui (LOURO, 2014).

Mas não se trata somente do que é dito, mas também do que não é dito. No momento de compor a árvore dos sonhos, e trazer o tema gerador, dois estudantes preferiram não expor o tema de interesse, ao qual verifiquei ser sobre homossexualidade. Aqui Guacira Lopes Louro (2014) mais uma vez contribui lembrando como a escola vem historicamente negando e ocultando a homossexualidade, como se ao não falar, talvez esta questão não entre na escola, e garanta a norma, que sabemos ser heterossexual.

Ao finalizarmos o encontro para o diagnóstico foi perguntado do interesse destes de dar continuidade ao processo, ao que muitos/as se mostraram interessados e sinalizamos a data do próximo encontro. Esse momento foi crucial para entender que para essa juventude é muito importante trabalhar as questões de gênero, e que para estes/as, este tema é pouco tratado na EFASE, significando então um grande desafio encontrarmos formas de contribuir para que as ações provoquem ações de mudança em toda comunidade escolar. Assim, o diagnóstico, aqui demonstrado, nos ajudou a compreender a visão da juventude sobre o tema, seus interesses, e firmar os vínculos para participativamente construirmos o caminho de realização dessa proposta.

Finalmente, trazemos mais uma vez Guacira Lopes Louro (2014) para refletirmos que “a construção de gênero também se faz por meio de sua desconstrução” (LAURETIS, 2009 apud LOURO, 2014). Segundo a autora, a construção de gênero é histórica e se faz incessantemente, estando em constante mudança. Assim, trabalhar em uma lógica de desconstrução das oposições (polaridade e hierarquização), pode ajudar aos jovens no sentido de perceber que estas são construídas, não sendo inerente nem fixa, para tornar possível pensar e propor novas formas de relações sociais de gênero dentro e fora da escola. Então, cabe a nós refletir sobre a prática educativa, para que possamos nos aproximar dessas transformações.

Conclusões

A pesquisa-ação em desenvolvimento possui então a intencionalidade de fazer, à partir da reflexão e proposição coletiva das/os diversas/os educandas/os envolvidas/os, a formação de gênero, feminismo e sexualidade que contribua na desconstrução das desigualdades observadas nos espaços de vivência da juventude, principalmente o escolar. Assim, o relato do momento do diagnóstico, aqui demonstrado, foi muito importante para compreender a visão da juventude sobre o tema, seus interesses, e firmar os vínculos para participativamente construirmos o caminho de realização dessa proposta.

Referências

ANDRADE, G. dos S. Escola Família Agrícola do Sertão: Experiência da Relação Escola-Família/Comunidade. In: *Anais do II Seminário de Educação do Campo do Recôncavo e Vale do Jiquiriçá, III Encontro de Educação do Campo de Amargosa*, 2012.

ANDRADE, N. S.; ANDRADE J. P.; TROILO G. Compreendendo a problemática agrária do território: uma experiência de mapeamento participativo com educandos da Escola Família agrícola do Sertão, Monte Santo (BA). 2015. In: *II Seminário Internacional de Educação do Campo. Resumos...* Feira de Santana-BA, 2015.

BACKES, Dirce Stein, COLOMÉ, J., ERDMANN, A. L., LUNARDI, V.L. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O mundo da saúde*, São Paulo: 2011.

BALEEIRO, Leidjane Fernandes. *Jovens do campo no contexto do semiárido baiano: trabalho e relações de gênero no município de Urandi/BA*. Relatório Teórico-metodológico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação do Campo. 2016.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. *Família S/A: Um estudo sobre a parceria família-escola*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2011.

DIONNE, Hugges. *A Pesquisa-ação para o Desenvolvimento Local*. Tradução de Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Projeto societário contra-hegemônico e educação do campo: desafios de conteúdo, método e forma, In: MUNARIM; BELTRAME; CONTE; PEIXER, (Org.) *Educação do Campo: reflexões e perspectivas*. Florianópolis: Insular, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

MELLO, Raísa Donatelli Veríssimo de. *Árvore dos sonhos: Uma metodologia de planejamento participativo*. Relatório de Monografia apresentada ao Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista–UNESP, Campus de Botucatu, para obtenção do título de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2012.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

TARDIN, José Maria. Cultura Camponesa. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SANTOS, Diana Anunciação. *Da migração à permanência: o projeto pedagógico da Escola Família Agrícola do Sertão como fator de intervenção e transformação da lógica de reprodução da família camponesa nordestina* (tese de mestrado). 2008.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILIPRANDI, E. Agroecologia, Agricultura Familiar e Mulheres Rurais. *Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia*. 2007.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.